



**thij**  
Tourism and Hospitality  
International Journal

**THIJOURNAL.ISCE.PT**  
**THIJOURNAL.ISCE.PT**

**ISSN: 2183-0800**

---

# REFLEXÃO

---

## Cultura, Património e Turismo

**Bonifácio Rodrigues**

Escola Superior de Ciências da Administração - IP Luso  
Instituto Superior de Lisboa e Vale do Tejo

176

Rodrigues, B. (2020). Cultura, património e turismo. Reflexão. *Tourism and Hospitality International Journal*, 15(1), 176-179.

(...) cuidar do Património Cultural, assumir uma autêntica cidadania cultural, significa considerar o acervo recebido das gerações que nos antecederam como responsabilidade de todos [...] como disse Sophia de Mello Breyner: ‘A cultura é cara. A incultura acaba por sair mais cara. E a demagogia custa sempre caríssimo’ (Guilherme d’Oliveira Martins, *in* Público, 29 abril 2019).

Como ponto de partida deste artigo pensamos ser oportuno tentar perceber o que se entende por cultura, tarefa que não se afigura simples, dado não existir um consenso na Academia, nem nos autores.

De acordo com a genealogia clássica do conceito de cultura, elaborada por Raymond Williams (1988), o termo cultura, palavra latina originalmente conotada com o cultivo da terra ou o cuidado dos animais (visava, portanto, a obtenção de um resultado valioso), passou a partir do séc. XVI, a aplicar-se também ao desenvolvimento das faculdades humanas superiores, ao cultivo da excelência espiritual.

Segundo os dicionários, cultura é definida, no âmbito da sociologia, como o “sistema de valores, conhecimentos, técnicas e artefactos, de padrões de comportamento e atitudes que caracteriza uma determinada sociedade” (Dicionário Universal da Língua Portuguesa, 1972) ou, também, como o “conjunto de costumes, práticas, comportamentos que são adquiridos e transmitidos socialmente de geração em geração: ‘cultura asteca’, ‘cultura inca’, ‘cultura greco-latina’, ‘cultura latino-americana’, ‘cultura ocidental’” (Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea, 2001). Pelo facto de estar intimamente associada às particularidades de um determinado povo ou de uma civilização, o termo cultura refere-se, ainda, ao «património literário, artístico e científico de um grupo social, de um povo», bem patente na frase: “recuperar os monumentos antigos é preservar a nossa cultura.”

Por sua vez, se não nos quisermos limitar a estas fontes e optarmos por direcionarmos a nossa pesquisa a bibliografia específica, da autoria de investigadores de áreas diversas, apercebemo-nos de que as suas definições de cultura não divergem das dos dicionários.

De acordo com Costa (2007, p. 39)

(...) com a afirmação do iluminismo o termo ‘cultura’ sofre um alargamento do seu significado, integrando o património universal de conhecimentos e valores formativos acumulados ao longo da história da humanidade, enquanto depósito de memória coletiva, aberto a todos, fonte constante de enriquecimento da experiência.

Os pensadores da escola alemã de Frankfurt utilizam o termo cultura com um significado diferente dos antropólogos. Cultura não significa práticas, hábitos ou modos de vida. Esta escola associa cultura à *Kultur* identificando-a com a arte, filosofia, literatura e música. As artes expressariam valores que constituem o pano de fundo de uma sociedade. Marcuse (1970) dirá que a cultura é o conjunto de fins morais, estéticos e intelectuais que uma sociedade considera como objetivo de organização, da divisão e da direção do trabalho.

De acordo com Marques (1995, p. 13) citando Herriot “(...) a cultura é o que resta depois de tudo se ter esquecido.” Este autor na mesma obra (1995, p. 13) refere ainda o conceito de cultura adotado pelo Conselho da Europa para o qual

(...) a cultura é tudo o que permite ao indivíduo situar-se em relação ao mundo e também em relação ao seu património Natal; é tudo o que contribui para que o homem compreenda melhor a sua situação, tendo em vista a eventual mudança desta.

Já o ensaísta Eduardo Lourenço, numa entrevista ao Semanário Expresso (janeiro, 12, 2016) afirma que

(...) a cultura é o diálogo da humanidade consigo própria, (...) porque a cultura não tem o monopólio do que é preciso, ou não, saber. Ela é o lugar onde se discute o sentido de tudo quanto somos capazes de fazer. E, como tal, a cultura não é a resposta, é a questão. A questão que a humanidade tem consigo própria.

Neste sentido, o ‘bem’ turismo deveria promover os laços fracos, ou seja, uma maior aproximação e fortalecimento de laços entre culturas diferentes, no seguimento das orientações da UNESCO (2002, p. 2), na Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, no art.º 2.º “(...) nas nossas sociedades cada vez mais diversificadas, torna-se indispensável garantir uma interação harmoniosa entre pessoas e grupos com identidades culturais a um só tempo plurais, variadas e dinâmicas, assim como a sua vontade de conviver.”

Esta ideia é reforçada por Eliot (2004, pp. 497-514) quando define cultura como um conjunto de maneiras coletivas de pensar e de sentir que constituem a herança social de uma comunidade.

Nesta linha, Tolentino Mendonça (*in* JN, 13 de junho), lembrou que a cidadania europeia é também uma cidadania cultural, e que esta se liga "ao tesouro da memória, à pluralidade das tradições e raízes que, através das gerações, alicerçaram uma identidade e um quadro de valores onde nos reconhecemos"[...] e desafia-nos a não fechar o património cultural no passado. O património cultural é um motor indiscutível do presente e só com ele podemos pensar que há futuro”.

Em jeito de conclusão do tema, julgamos interessante (assumindo a responsabilidade de substituir do texto original ‘direito’ por ‘turismo’) citar Silva (2007, p. 7) quando escreve

(...) entre o ‘Turismo’ e a Cultura existe uma espécie de relação amorosa, em que cada um dos ‘pares’ completa o outro, com vantagens e benefícios recíprocos, na medida em que a Cultura obriga o Turismo a evoluir e o Turismo recompensa-a, tornando-a mais universal e democrática.

## Referências

Costa, P. (2007). A Cultura em Lisboa. Competitividade e desenvolvimento territorial (p. 39). Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.

- Declaração Universal Sobre a Diversidade Cultural (2002), UNESCO, CLT.2002/WS/9, p. 2.
- Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001). Academia das Ciências de Lisboa.
- Dicionário Universal da Língua Portuguesa (1972). S. Paulo, Brasil: Ed. Melhoramentos.
- Eliot, T. S. (2004). Notes towards the definition of culture (1948, 1949) (pp. 497-514). Cambridge: University Press.
- Lourenço, Eduardo (2016). Semanário Expresso, 9 janeiro, p. 2.
- Marcuse (1970). Reflexions sur le caractère affirmatif de la culture. In Culture et Société, Paris, Ed. Minuit, (Tradução espanhola), in Cultura y Sociedad. Ed. Sur. Buenos Aires.
- Marques, F. P. (1995). De que falamos quando falamos de cultura. Lisboa: Editorial Presença.
- Martins, G. d'O. (2019). Jornal Público, 29, abril, Lisboa.
- Mendonça, Tolentino (2020). Jornal de Notícias, 13 junho, Porto.
- Rodrigues, B. (2018). Turismo cultural e desenvolvimento. A rota das catedrais e o caso de Santarém (pp. 55-60). Tese doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra.
- Silva, V. P. da (2007). A cultura a que tenho direito. Direitos Fundamentais e Cultura. Coimbra: Almedina.
- Williams, R. (1988). Keywords. A vocabulary of cultural and society. London: Fontana Press.